

APRESENTAÇÃO

Miriam Bettina Paulina Oelsner

A língua conduz o meu sentimento, dirige a minha mente, de forma tão mais natural quanto mais inconscientemente eu me entregar a ela. O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar.

Victor Klemperer, *LTI*

Depois da Segunda Guerra Mundial, relatos de vida nos campos de concentração e de extermínio delinearão um mosaico com cenas de violência, crueldade e extremo sofrimento, mostrando ao mundo o que o holocausto, ou *shoá*,* significou para cada uma das vítimas e continua significando para a humanidade. Alguns já são bem conhecidos e comentados, como os testemunhos de Simon Wiesenthal, Elie Wiesel, Primo Levi, Imre Kértezs, Ruth Klüger e também a poesia de Paul Celan e parte da literatura de Bruno Bettelheim. No Brasil, memórias de sobreviventes têm sido publicadas por iniciativa dos próprios autores e de suas famílias. O objetivo é não perder o registro dos fatos vividos e deixar para filhos, netos e outras gerações uma mensagem positiva de vida, apesar do sofrimento. Eles estiveram lá e sobreviveram por uma “falha do sistema”. Resolveram não deixar apenas nas mãos dos historiadores

* Termo adotado por Elie Wiesel. É uma palavra do Levítico, terceiro dos cinco livros de Moisés no Antigo Testamento. Significa “desfazer-se em fumaça”, aqui em referência aos corpos carbonizados nos campos de concentração e de extermínio nazistas.

contar o que aconteceu. Com essas narrativas, cada sobrevivente torna-se uma fonte histórica.

As memórias de Victor Klemperer — os *Diários* e este *LTI* — são exceção, assim como as de Anne Frank, por serem testemunhos sobre o nazismo escritos com uma visão de fora dos campos de concentração. Esse raro tipo de narrativa nos permite conhecer outras perspectivas, elementos novos, detalhes e olhares próximos à realidade vivida pelos judeus no ambiente urbano.

Os diários de uma jovem, de Anne Frank, foram descobertos no imediato após-guerra e publicados por decisão do pai, o único sobrevivente da família. Relatam os dois anos em que Anne e a família permaneceram escondidos em Amsterdã, até serem denunciados em agosto de 1944 e enviados para o campo de concentração Bergen-Belsen. Anne morreu nesse campo dois meses antes do fim da guerra. Seus *Diários*, bem como *É isto um homem?*, de Primo Levi, *Extraído do vocabulário do monstro*, de D. Sternberger, G. Storz e W. E. Süskind, e *LTI*, de Victor Klemperer, foram publicados em 1947. Inauguraram a literatura que se seguiu à *shoá*, “literatura de teor testemunhal”, referente ao período nazista. *Shoá* designa não somente o extermínio de 6 milhões de judeus, mas também dos demais povos e “grupos diferentes” — homossexuais, ciganos, testemunhas de Jeová, opositores políticos — perseguidos pela intolerância nazista. Também em 1947 Thomas Mann publicou *Doutor Fausto*, que trata, entre outros temas, da sedução da Alemanha pelo nazismo e da passividade dos alemães diante do regime de Hitler. Esse romance, de certa forma, se soma à “literatura de teor testemunhal”.

LTI – Lingua Tertii Imperii: a linguagem do Terceiro Reich

Originalmente, os textos que compõem este livro faziam parte dos *Diários* de Victor Klemperer para o período nazista, 1933-1945. O autor referia-se a eles como “minha vara de

equilibrista”): buscava estabilidade emocional na escrita, na qual encontrava refúgio contra o terror. À medida que o cerco aos judeus se estreitava, ele registrava tudo com mais empenho, às vezes de forma obsessiva. Escrever tornara-se uma necessidade imperiosa para a sobrevivência física e mental diante da agressão contra os judeus, dirigida principalmente por Hitler e Goebbels. Caso não tivesse usado esse recurso, provavelmente teria sucumbido ao desespero. Ele mesmo relata como conviveu com vários casos de suicídios individuais e de casais para fugir dos carrascos da Gestapo.*

No pós-guerra, o casal Klemperer conseguiu reaver sua casa em Dölzchen, nos arredores de Dresden, bem como os *Diários* que estavam escondidos na casa da amiga Annemarie Köhler. O editor Wengler, também de Dresden, procurou Klemperer para publicá-los. Após algumas hesitações, ele decidiu escrever *LTI*, em vez de publicar os *Diários* do período 1933-1945, apesar de eles já estarem prontos.

Se essa é a intenção da minha publicação, por que não reproduzo completo o *Caderno de anotações do filólogo*, resgatando-o de meu diário mais particular e mais geral, escrito nos anos difíceis? Por que algumas coisas estão resumidas em um esboço? Por que a perspectiva daquele tempo se soma à perspectiva de hoje, a primeira hora após-Hitler? Quero responder a essa questão de maneira precisa. Além da razão científica, há uma tese em jogo, pois também estou empenhado em atingir um objetivo educacional.

Klemperer mostra o desejo de transmitir a alunos e leitores a experiência vivida e de propor alterações no sistema educacional dos jovens que haviam sofrido a lavagem cerebral nazista. Trata-se de mais um exemplo da atitude judaica atávica, em relação à história, na qual se insere a questão *Zakhor*

* Acrônimo de *Geheime Staatspolizei*, a polícia secreta nazista.

— lembra-te!, em hebraico. Título de um dos livros do historiador Yerushalmi,* significa registrar o passado, a todo custo, para conhecimento das gerações futuras. “Lembra-te do dia do descanso!” — assim começa o quarto mandamento de Moisés.

No mesmo parágrafo, Klemperer instiga os leitores a tentar compreender o fenômeno mais brutal do século XX, o nazismo:

Há muito trabalho a fazer nas mais diversas áreas, considerando germanistas e latinistas, anglicistas e eslavistas, historiadores e economistas, advogados e teólogos, engenheiros e cientistas. Todos terão de desvendar as especificidades dos diversos temas, por meio de ensaios ou de teses, antes que haja condições para que uma mente ousada e aberta apresente a *Lingua Tertii Imperii* em sua totalidade, abarcando desde sua absoluta pobreza de espírito até sua abundância exuberante.

Deve-se levar em conta que Klemperer tem clara noção de que este livro representa um dos marcos iniciais na tentativa de procurar entender não somente o que foi o nazismo, mas como ele se instalou:

Não, o efeito mais forte não foi provocado por discursos isolados, nem por artigos ou panfletos, cartazes ou bandeiras. O efeito não foi obtido por meio de nada que se tenha sido forçado a registrar com o pensamento ou a percepção conscientes. O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconsciente e mecanicamente. [...]

Se, por longo tempo, alguém emprega o termo “fanático” no lugar de “heroico” e “virtuoso”, ele acaba acreditando que

* Yosef Haym Yerushalmi, *Zakhor*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Tradução de Lina G. Ferreira da Silva.

um “fanático” é mesmo um herói virtuoso e que sem fanatismo não é possível ser herói. As palavras fanático e fanatismo não foram criadas pelo Terceiro Reich, mas seu sentido foi adulterado; em um só dia elas eram empregadas mais do que em qualquer outra época.

Para escrever *LTI*, Klemperer desmonta os *Diários*, quebra a sequência de datas e organiza o livro por temas que refletem vivências. Estrutura-o basicamente em duas partes: antes e depois de 19 de setembro de 1941, dia em que o uso da estrela amarela com a insígnia *Jude* passou a ser obrigatório para todos os judeus, como castigo pelos reveses sofridos pelos alemães na Rússia a partir de junho daquele ano. Até o capítulo 24, “Café Europa”, descreve como a linguagem nazista fora estruturada e como se infiltrara na mente do povo alemão. Do capítulo 25, “A estrela”, até o 35, “Ducha escocesa”, descreve o comportamento e as estratégias de sobrevivência dos judeus, agora já discriminados como o grupo dos portadores da estrela.

“Esse foi o pior dia de todo o período nazista” — o dia em que deixou de ser um judeu anônimo para se tornar um judeu identificado pelos inimigos. O uso obrigatório da estrela foi pior do que a perda da casa um ano antes; foi pior do que ter sido preterido pelo filho adotivo, que em 1933 abraçou a ideologia nazista. A partir dessa obrigatoriedade, a situação ficou mais dura: quem era pego sem a estrela era enviado para um campo de concentração. “Agora, com a introdução da estrela amarela, [...] cada judeu carregava consigo seu próprio gueto como o caracol carrega sua casinha.”

No capítulo 36, “A prova dos nove”, empreende a fuga de Dresden, onde ficara confinado durante os doze anos do regime, e passa por outras localidades. Constata, então, que sua análise da linguagem do Terceiro Reich estava certa, mesmo tendo permanecido relativamente isolado durante tanto tem-

po. Todos falam a mesma língua, manipulada, adulterada, pobre e vazia de conteúdo. Escreve com pesar sobre jornalistas de seu tempo de juventude. Como Fausto, eles tinham vendido a alma ao diabo para viver com tranquilidade durante o regime.

Entre os traidores encontrei até um antigo conhecido da Primeira Guerra Mundial, Paul Harms. [...] No verão seguinte eu soube que falecera poucos dias antes da entrada dos rusos em Zehlendorf. Senti quase um alívio. Ele fora salvo pelo gongo, subtraído da justiça dos homens, como diz a expressão religiosa.

“Será alemã ou não a raiz do nazismo?”, eis outra questão que permeia o livro. Klemperer trava um colóquio consigo mesmo. O irracionalismo conduz à destruição da razão. É a combinação perfeita da racionalidade diabólica a serviço da máxima irracionalidade. No capítulo 21, “A raiz alemã”, faz uma autocrítica contundente:

Como era possível um contraste tão grande entre o momento atual da Alemanha e todas, realmente todas, as épocas anteriores? Em meus trabalhos, sempre realcei e tratei como verdadeira a existência dos *traits éternels*, como os franceses denominam os traços eternos do caráter de um povo. Será que isso era uma grande mentira? Ou tinham razão os adeptos de Hitler quando reivindicavam a herança do humanista Herder? Existiria alguma conexão entre o pensamento dos alemães da época de Goethe e o povo de Adolf Hitler?

Klemperer revela sua perplexidade e procura dissecar essa problemática destacando duas correntes contraditórias, o comportamento romântico e o espírito de organização. Pois o estudo da *Bildung* [formação] alemã permite perceber um *continuum* na história alemã, do qual o nazismo pode ter sido um desfecho.

Depois, quando vi a maneira infame como os nazistas transmitiam uma história da civilização completamente falsifica-

da, fazendo com que o povo alemão se sentisse superior aos demais, “por vontade divina e de direito”, como *Herrenmenschen* [super-homens] em detrimento dos demais povos, senti vergonha, quase desespero, por ter participado disso.

A tradução

Esta tradução de *LTI – Lingua Tertii Imperii: anotações de um filólogo* foi feita a partir da edição de 1996 da editora Reclam-Verlag de Leipzig (reedição de 1975). Denominada afetivamente *LTI*, é uma refinada análise da manipulação da linguagem pelo regime nazista e um estudo profundo da situação sociopolítica e cultural da época. Aborda o nazismo sob a óptica da vida urbana e investiga detalhadamente uma série de vocábulos e conceitos cujos sentidos foram deturpados pela ideologia nazista, tendo em vista, principalmente, disseminar o antissemitismo no povo alemão.

Por meio de um estudo minucioso e metódico, Klemperer demonstra como o sentido dos conceitos foi sendo abandonado, de modo a empobrecê-los de propósito: o significado das palavras foi desvirtuado; o preparo físico foi valorizado em detrimento da capacidade intelectual; a camada social culta e instruída foi desvalorizada, estimulando o desinteresse cultural; o significado da palavra filosofia foi esvaziado por causa do perigo que o exercício do livre-pensar poderia suscitar.

Ele estuda também a repetição sistemática de mentiras condicionadas aos interesses do regime. Explica como, a partir de um processo duplo de sedução e terror, os nazistas transformaram graves anomalias em normalidade, induzindo a sociedade a aceitar tudo como “natural”. Tornou-se “natural” que todas as judias e todos os judeus fossem obrigados a acrescentar Sara ou Israel aos nomes, sob pena de serem enviados aos campos de extermínio. Essa obrigatoriedade os identificava compulsoriamente. Alguns alemães também tive-

ram problemas com essa situação. No capítulo 13, “Nomes”, Klemperer descreve o empenho de um alemão não judeu, ve-reador e professor universitário, com sobrenome Israel, que tentava retornar ao sobrenome original da família, Oesterhelt, para evitar o estigma judaico.

Esse novo uso das palavras se inseria em um contexto de “normalidade” que se estendia ao comportamento das pessoas. Tornou-se “normal” aderir ao boicote às lojas e aos profissionais liberais judeus. “Normal” era votar na lista parlamentar única, imposta pelo governo, e também aprovar a política econômica de Hitler no plebiscito de novembro de 1933. “Normal” era essa lista única ser vitoriosa até mesmo nos campos de concentração. Klemperer comenta a falta de credibilidade dessas eleições, pois somente o risco de vida forçaria alguém a votar em Hitler, sendo prisioneiro.

A palavra *Transport*, por exemplo, aparece sempre entre aspas, denotando ironia e pavor. Muitas palavras corriqueiras acobertavam o significado de prisão, assassinatos coletivos, eliminação de doentes físicos e mentais. Nesse caso, o signifi-cante não queria dizer “transporte”, mas sim “ser buscado na calada da noite e transportado para um campo de extermínio, como gado para o matadouro”.*

Outro exemplo é a palavra *Heroismus* [heroísmo], que deixa de ter um sentido de grandeza e abnegação para representar os que se entregavam de corpo e alma à ideologia nazista, os que matavam mais, os que obtinham mais medalhas nas competições esportivas, entre outros. Heroísmo, diz Klempe-
rer, foi o que algumas poucas mulheres viveram, dedicando-se incondicionalmente aos maridos, sem a encenação teatral e vazia do nazismo, que só valorizava a aparência.

* Houve casos de não judeus que também foram buscados “na calada da noite” para integrar o Exército.

Já *Privilegiert* [privilegiado], uma das poucas expressões criadas pelo nazismo, referia-se ao judeu assimilado, que até mesmo na educação dos filhos se mantinha pretensamente “ariano”. Os *privilegierten* não precisavam usar a estrela amarela com a insígnia *Jude*. Havia casos em que eram filhos de casamentos mistos e amiúde tinham de se alistar no Exército. Mas o *status* de “privilegiados” foi cancelado após o atentado contra Hitler em 20 de julho de 1944. A partir dessa data, passaram a ser assassinados como os demais judeus.*

No capítulo 28, “A linguagem do vencedor”, Klemperer comprova como a nova linguagem, muito bem engendrada, induz a maior parte da população a empregá-la inadvertidamente. Analisa expressões idiomáticas, bem como jargões dos moradores da *Judenhaus* onde ele mesmo e sua esposa, a pianista Eva Schlemmer, viveram de 1940 em diante. Nessa casa moravam os mais variados tipos humanos, descritos a partir das respectivas expressões idiomáticas, comentadas no contexto das dificuldades e conflitos do convívio forçado. Klemperer mostra como a linguagem nazista era capaz de contaminar as pessoas, sendo usada até mesmo pelos próprios judeus. A linguagem militar, que sempre fora poderosa e autônoma, não escapou dessa “epidemia” — termo usado por Klemperer para designar a adesão à “novilíngua”, conforme a expressão de George Orwell no livro *1984*.

Há também um grande número de palavras com conotação de movimento acelerado. A ideia é de que todos — a serviço do partido — fossem pessoas extremamente ocupadas e sempre em movimento, empenhadas em sanear o sangue ariano pelo aniquilamento do sangue judeu, impuro, como aparece no capítulo 31, “Interromper o impulso ao movimento”.

* Ver *Os soldados de Hitler*, de Bryan Mark Rigg. Rio de Janeiro: Imago, 2003. Tradução de Marcos Santarrita. Esse livro cita *LTI* como referência.

Um símbolo marcante escolhido para incorporar a mensagem nazista foi a letra S, copiada das runas germânicas, simbolizando a pureza dos ancestrais nórdicos, que deu origem à sigla SS da palavra *Schutzstaffel*, esquadrão protetor, representada por dois raios paralelos que remetem à ideia de perigo, como nos fios de alta tensão. Os dois raios, símbolos das SS, eram tão fortes que o sentido original da palavra caiu no esquecimento, como se verifica no capítulo 11, “Limites mal definidos”. Nesse capítulo Klemperer mostra como o nazismo soube se aproveitar de um caractere, um sinal da escola expressionista, de vanguarda na época, e passá-lo para a polícia de elite, de maior eficácia assassina, que tinha o poder de um Estado dentro do Estado. Era a polícia dos campos de concentração desde 1934. As SS assumiram a responsabilidade pela “solução final”, a eliminação dos judeus, decidida em uma reunião realizada em janeiro de 1942 em Wannsee.

Victor Klemperer (1881-1960)

Alemão de origem judaica, convertido ao luteranismo, Klemperer começou a registrar suas memórias em diários em 1898, quando tinha dezesseis anos. Desenvolveu dessa forma o talento literário, tornando-se escritor, pesquisador da literatura francesa, crítico literário e um filólogo dedicado. Com a guerra, foi obrigado a mudar de atividade. Sua vida foi toda registrada, num total de mais de 4 mil páginas. Peter Gay o considera o melhor escritor de diários em língua alemã. Quando o regime nazista ascendeu ao poder, Klemperer já escrevia o diário havia 36 anos.

Esgotadas as possibilidades de se ater ao que sempre fizera, embrenha-se em uma análise clandestina da linguagem do Terceiro Reich. Anota tudo que vivencia, já na condição de perseguido. Torna-se de tal forma dependente do hábito de escrever diários que só considerava completas as suas vivên-

cias depois de devidamente registradas. É único no estudo da filologia nazista, desvendando, durante o próprio nazismo, questões cruciais para compreender a adesão do povo à nova ideologia e analisando textos de propaganda, um dos principais instrumentos de manipulação ideológica.

Durante os estudos universitários em Munique, Genebra, Berlim, Roma e Paris, antes de o nazismo chegar ao poder, Klemperer se identificou com os textos de Montesquieu, Voltaire e Diderot, optando pelas letras latinas, com ênfase no Iluminismo francês. Passou dois anos pesquisando em Paris e em 1914 defendeu tese de livre-docência sobre Montesquieu, na Universidade de Munique, sob orientação do próprio reitor, Karl Vossler, que teve grande influência em sua formação. Vemos ecos dessa formação no capítulo 23, “Quando duas pessoas fazem o mesmo”: a língua seria uma atividade criadora perene, mas também expressão e conteúdo de uma cultura histórica. A citação do dístico de Schiller, empregada amiúde por Klemperer em *LTI*, foi retirada da obra de Vossler, *Linguística baseada no idealismo crítico*, publicada em 1905: *Weil ein Vers dir gelingt in einer gebildeten Sprache, die für dich dichtet und denkt, glaubst Du schon Dichter zu sein* [Já que consegues versejar em uma língua culta, que pensa e poetiza por ti, supõe já seres um poeta].

A língua também conduz o meu sentimento, dirige a minha mente, de forma tão mais natural quanto mais eu me entregar a ela inconscientemente. [...] O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos?

Em 1920, já um conceituado crítico da literatura francesa, Klemperer obtém a cátedra de letras latinas na Universidade de Dresden. Em 1923 publica *Moderne französische Prosa*, o que lhe confere um verbete na Enciclopédia Brockhaus, edição de 1925. Vem ladeado de dois outros verbetes: um para o

irmão George, cirurgião e professor, e outro para o primo Otto, maestro. Entre 1925 e 1931 publica *Literatura francesa de Napoleão até a atualidade*, em cinco volumes. Suas outras publicações são do após-guerra: *História da literatura francesa do século XVIII*, v. I, 1954, v. II, 1966. Publica *LTI* em 1947 em Berlim, pela editora Aufbauverlag. Até a reunificação alemã haviam sido vendidos mais de 300 mil exemplares do livro. Foram publicados postumamente *Curriculum Vitae*, em 1989, e *Os “Diários” de Victor Klemperer 1933-1945*, em 1995.* Os *Diários* dos períodos 1919-1932 e 1945-1959 ainda não foram traduzidos para o português.

Klemperer ocupou a cátedra de letras latinas em Dresden até 15 de setembro de 1935, quando perdeu o cargo por causa das leis raciais de Nuremberg, que pretendiam “preservar a pureza do sangue e da raça alemães”. Em *LTI* menciona a falta de material para prosseguir os estudos, pois a partir de 1938 os judeus foram proibidos de frequentar bibliotecas. Somente no após-guerra retomará a análise da literatura francesa do século XVIII.

Estas *Anotações de um filólogo* só se tornaram possíveis porque Klemperer optou por não emigrar quando o regime nazista se instalou na Alemanha, divergindo de grande parte dos judeus e intelectuais perseguidos. A maioria emigrou depois da *Kristallnacht* [noite dos cristais], em 9 de novembro de 1938,** quando ficou claro que o governo procuraria eliminar os judeus. Klemperer admite que chegou a sentir inveja de colegas que tiveram a coragem de emigrar para terras desconhecidas. Na verdade, as famílias judaicas não tinham

* Edição brasileira, São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Tradução de Irene Aron.

** Nessa noite foram quebradas as janelas das sinagogas e de lojas pertencentes a judeus, em toda a Alemanha. Por isso o nome “noite dos cristais”. Muitos judeus foram presos e alguns desapareceram.

opção. Mas algumas pessoas que viviam em “casamento misto”, como Klemperer, ousaram correr o risco de ficar. No capítulo 24, “Café Europa”, referindo-se aos amigos emigrantes, ele diz:

Nesse ínterim já devem ter chegado a Lima. A carta, enviada das Bermudas, me deixa com certo mau humor. Eu os invejo porque são livres, seu horizonte é mais amplo que o meu, e invejo-os pela possibilidade de influenciar pessoas.

Klemperer esclarece também que um dos motivos para não abandonar a Alemanha foi o medo de não saber lecionar em língua estrangeira, pois, apesar de ser catedrático de letras latinas, tinha pouco domínio da língua inglesa e só se comunicava bem em alemão. Mas, sobretudo, apesar de perceber a virulência do novo sistema político, ele não acreditava que o regime nazista pudesse optar pelo extermínio industrializado de seres humanos, muitos pela simples razão de terem origem judaica, outros por serem opositores. Como judeu assimilado — como eram chamados os judeus formados na cultura alemã e praticantes de um judaísmo laico —, pensava ser aceito pela sociedade local. Além de convertido ao luteranismo, casara-se em 1906 com a pianista alemã Eva Schlemmer (1882-1951), uma “ariana”, para usar a linguagem nazista. O casamento não só o protegeu de ser enviado a um campo de concentração, mas em especial possibilitou a preservação dos *Diários*, que sua mulher levava periodicamente à casa da dra. Köhler, uma amiga que se prontificara a escondê-los.

Klemperer era assimilado, segundo o conceito desenvolvido pelo historiador judeu alemão George Lachmann Moss, no que diz respeito à *Bildung* [formação]. Ser culto e ter boa formação eram características que se alinhavam com sua visão de judaicidade. Jamais lhe ocorrera que a origem judaica fosse se tornar um empecilho para preservar o *status* de cidadão. Jamais lhe ocorrera que a Alemanha do século XX viesse

a se tornar um país totalitário, com leis raciais promulgadas para exterminar pessoas. Imaginava que, após a experiência da Inquisição espanhola, não haveria mais perseguições religiosas ou direcionadas contra o sangue judeu na Europa. Essa é a razão de iniciar *LTI* com a frase: “A linguagem é mais do que sangue”, do pensador judeu alemão Franz Rosenzweig (1886-1929).

Além disso, Klemperer achava que abandonar a Alemanha para se proteger do nazismo prejudicaria mais sua mulher, que, segundo Peter Gay, sofria de forte depressão nervosa. Ele dedica *LTI* ao heroísmo de Eva, símbolo de solidariedade ir-restrita: ela nunca pensou em abandoná-lo; se o fizesse, ele seria enviado para um campo de concentração.

Segundo a Enciclopédia Brockhaus de 1995, “*LTI*, de 1947, consta como sua [de Klemperer] obra mais importante. Essas *Anotações de um filólogo* esclarecem as estruturas mentais fascistas por meio de observação e análise da linguagem.”

Em 1995 a obra de Victor Klemperer recebeu postumamente o prêmio de literatura alemã Geschwister Scholl.* No discurso de homenagem, o escritor e crítico social Martin Walser declarou:

Klemperer deve estar presente em toda parte e se tornar uma importante fonte de informação daquela época da história alemã. Não conheço outra comunicação que nos transmita de maneira mais clara a verdade sobre a ditadura nacional-socialista do que a prosa de Victor Klemperer.

Segundo Steven E. Aschheim,** Klemperer é o analista mais aguto da linguagem totalitária. Afirma que Hannah

* Hans e Sophie Scholl, militantes antinazistas do grupo Die Weiße Rose, foram assassinados pela polícia em 1943.

** S. E. Aschheim, *Klemperer: intimate chronicles in turbulent times*. Bloomington: Indiana University Press; Cincinnati. Coedição com o Hebrew Union College, Jewish Institute of Religion, 2001.

Arendt (1906-1975) não o menciona em *Origens do totalitarismo** porque não teve oportunidade de conhecer seu trabalho. Segundo Arendt, a introdução do horror absoluto facilita sua repetição, tornando-o banal. O horror passou para o inventário da história da humanidade. O texto de Klemperer funda uma literatura de não ficção sobre um horror que a humanidade nunca experimentara.

Outro estudioso da linguagem, George Steiner,** comenta:

A linguagem [nazista] deixa de estimular o pensamento, apenas o confunde. Em vez de carregar cada expressão com a maior energia e ausência de rodeios disponível, afrouxa e dispersa a intensidade do sentimento. A linguagem deixa de ser uma aventura (e uma linguagem viva é a maior aventura de que o cérebro humano é capaz). Em suma, a linguagem não é mais vivida; é apenas falada. [...]

Ao republicar esse ensaio faço-o também porque acredito na validade de seu argumento. Quando o escrevi, não conhecia o notável livro de Victor Klemperer, *Anotações de um filólogo*, publicado em Berlim Oriental em 1947. [...] De modo muito mais detalhado do que eu, Klemperer, linguista profissional, traça a submissão do alemão ao jargão nazista e os antecedentes linguístico-históricos dessa submissão.

Essa reflexão de Steiner vem ao encontro da explicação de Klemperer sobre a pobreza proposital da linguagem nazista. Klemperer esclarece como a linguagem foi talhada para dirigir o pensamento do povo de acordo com a intenção do regime. A linguagem oral e a escrita se assemelham. A fala é em tom de declamação, fácil de decorar e oca de conteúdo. O governo

* Edição brasileira, São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução de Roberto Raposo.

** Capítulo “O milagre vazio” em *Linguagem e silêncio: ensaio sobre a crise da palavra*. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 134. Tradução de Gilda Stuart e Felipe Rajabally.

deixa claro: “Tu não és nada, teu povo é tudo.” Todos repetem o que for conveniente para o governo.

Hoje, imersos em bombardeio de mensagens dos vários meios — eletrônicos, impressos, visuais, auditivos —, mais do que nunca é necessário analisar o discurso e suas mensagens subliminares.

Esta tradução pretende ajudar a tornar conhecida a obra de Victor Klemperer, possibilitando novos estudos por interessados e especialistas de várias áreas — sociologia, história, linguística, educação, política, propaganda e várias outras. Esta era a intenção do autor, um dos precursores na análise do discurso totalitário, que deixou este registro logo após a guerra: “Hoje sei que não conseguirei transformar minhas observações, reflexões e questões sobre a linguagem do Terceiro Reich, apenas esboçadas, em uma obra científica acabada.”

Klemperer estabeleceu um pacto consigo mesmo: deixar seu testemunho para que as gerações seguintes se conscientizassem do que foi a experiência nazista — impensável e irrepresentável —, pelo mal absoluto que significou, e registrar uma análise objetiva de como o nazismo se instalou na Alemanha. Para que a *shoá* não se repita. A atenção com esse tema precisa ser redobrada, considerando que ainda existem regimes ditatoriais e sanguinários.

Esta publicação será também uma contribuição para o resgate do papel histórico de Victor Klemperer, especialmente no que se refere às fontes de referência para os estudos da *shoá*.

Agradecimentos

Quero agradecer a César Benjamin, da editora Contraponto, por confiar-me a importante tarefa da tradução e por sua paciência. O texto é extremamente erudito, marcado por forte hermetismo, e exigiu pesquisa refinada sobre vários temas da história da filosofia, do pensamento, da Europa em geral.

APRESENTAÇÃO

Quero agradecer a George Bernard Sperber, cuja orientação permitiu que *LTI* se me tornasse familiar.

Alfred Keller merece um agradecimento especial. Esta tradução não teria sido possível sem sua prestimosa ajuda no esclarecimento de certas expressões.

A Ivanilze Estácio, a Mazinha Rodrigues e ao dr. Renato Mezan pela colaboração atenciosa.

Agradeço também, carinhosamente, o apoio irrestrito de Rubens, Daniel, Débora e de toda a família.

CRONOLOGIA DE VICTOR KLEMPERER

1881 Nasce em 9 de outubro em Landsberg, junto do rio Warthe. O pai, dr. Wilhelm Klemperer, era rabino. A mãe chamava-se Henriette Klemperer, nascida Franke.

1884 A família se muda para Bromberg.

1890 A família se transfere para Berlim. O pai se torna o segundo orador da Sinagoga Reformista de Berlim.

1893 Victor ingressa no Ginásio Francês de Berlim.

1896 Ingressa no Ginásio Friedrich-Werdersch.

1897 Faz estágio comercial na Löwenstein & Hecht, empresa exportadora de miudezas e bijuterias, em Berlim, onde permanece até 1899.

1900-1902 Faz o curso secundário em Landsberg. É bem-sucedido no *Abitur*, o exame final.

1903 Converte-se ao luteranismo. Mesmo sendo filho de rabino, é agnóstico. Considera que a conversão é importante para se tornar um alemão “normal”.

1902-1905 Curso universitário: filosofia, filologia latina e germânica. Estuda em Munique, Genebra, Paris e Berlim, com uma curta permanência em Roma.

1905-1912 Estabelece-se como jornalista e escritor em Berlim.

1906 Casa-se com Eva Schlemmer, pianista alemã, não judia. Escreve diversos textos e narrativas.

1907-1912 Escreve uma monografia sobre Paul Heise, um estudo sobre a obra de Adolph Wilbrandt e vários estudos sobre a história da literatura alemã.

1912 Muda-se para Munique e retoma as atividades acadêmicas. Morre o pai.

1913 Faz o doutoramento com Franz Muncker e Hermann Paul, escrevendo a tese *Os antecessores de Friedrich Spielhagen*. Estudos sobre Montesquieu para a livre-docência levam-no a uma segunda estada em Paris.

1914 Faz a livre-docência com Karl Vossler, reitor da Universidade de Munique. Começa a Primeira Guerra Mundial.

1914-1915 É professor-visitante na Universidade de Nápoles. Publica *Montesquieu*, em dois volumes.

1915 Voluntário na Primeira Guerra Mundial, serve no *front* de novembro de 1915 a março de 1916.

1916-1918 Trabalha na seção de imprensa do governo militar na Lituânia, em Kovno e em Leipzig.

1918 Retorna a Leipzig em novembro.

1919 Torna-se professor na Universidade de Munique.

1920-1935 Torna-se professor titular na Escola Técnica Superior de Dresden. Publica *Introdução ao francês medieval: do século XIII ao século XVII*.

1923 Publica *Prosa francesa moderna: 1870-1920*.

1924 Publica *Literaturas românicas: do Renascimento à Revolução Francesa*.

1925 É classificado pela Enciclopédia Brockhaus como profundo conhecedor da literatura francesa.

1925-1931 Publica *Literatura francesa: de Napoleão à época contemporânea*, em cinco volumes. A obra será reeditada em 1956 com o título *História da literatura francesa nos séculos XIX e XX*.

1926 Publica *Especialidade românica. Estudos filosóficos*.

1928 Publica *Literaturas românicas. Léxico da história da literatura*.

1929 Publica *História idealista da literatura. Estudos básicos e aplicados*.

1933 Publica *Pierre Corneille*. Em 30 de janeiro, Paul von Hindenburg, presidente da Alemanha, nomeia Hitler para o cargo de chanceler do Reich, incumbindo-o de formar um novo governo. Na noite de 27 de fevereiro, um incêndio criminoso destrói o Reichstag, o parlamento alemão, em Berlim. O jovem comunista holandês Marinus van de Lubbe será condenado à morte pelo crime, na verdade praticado pelos nazistas.

1934 Em 30 de junho ocorre a *Nacht der langen Messer* [noite das facas longas], quando tropas das SS, comandadas por Himmler, assassinam o general Ernst Röhm, chefe das SA, e cerca de 1.200 correligionários seus, com a aprovação de Hitler. Poucas semanas depois morre o presidente Hindenburg. Hitler se proclama chanceler e presidente plenipotenciário da Alemanha, o Führer.

1935 Victor Klemperer é afastado do serviço público por ser judeu, no contexto da “purificação” nazista do Estado alemão.

1936 Olimpíadas em Berlim durante julho e agosto. Qualquer vestígio de antissemitismo permanece ocultado.

1938 Em 13 de março Hitler anexa a Áustria à Alemanha: é o *Anschluß* (ver capítulo 18). Judeus são proibidos de frequentar bibliotecas públicas na Alemanha. Em 9 de novembro ocorre a *Kristallnacht* [noite dos cristais], com ataques generalizados contra judeus e sinagogas.

1939 Em 1º de setembro o Exército alemão invade a Polônia. Começa a Segunda Guerra Mundial.

1940 O casal Klemperer é obrigado a ceder a própria casa para outra família. Os *Diários* passam a ser escritos em segredo e

entregues à médica Annemarie Köhler, que os esconde em sua casa em Pirna. O casal é obrigado a morar nas *Judenhäuser* [casas dos judeus], residências coletivas, isoladas do restante da sociedade. Quando tinham sorte, esses judeus conseguiam trabalho não remunerado em fábricas, postergando assim o “transporte” para campos de concentração. Os judeus de Dresden, em geral, iam primeiro para Hellerberg e depois para Auschwitz e Theresienstadt.

1941 Victor Klemperer fica preso durante oito dias nas dependências da Polícia de Dresden: fora delatado por ter esquecido de apagar a luz durante um alarme de ataque aéreo. A partir de 19 de setembro todos os judeus são obrigados a portar a estrela amarela na roupa.

1942 Em 8 de janeiro, Klemperer fica uma tarde detido nas dependências da Gestapo. É enviado para outra *Judenhaus*.

1943 Em 31 de janeiro o VI Exército Alemão, sob o comando do marechal Friedrich von Paulus, se rende em Stalingrado, momento decisivo da guerra. Nessa época, Klemperer faz trabalho forçado nas firmas Willy Schlüter, de chás, Adolf Bauer, de cartolinas e envelopes, e Thiemig & Möbius, de reaproveitamento de papel. É removido para a última *Judenhaus*, onde permanece até 13 de fevereiro de 1945.

1944 Em 20 de julho, o general Claus Schenk, Conde von Stauffenberg, tenta matar Hitler, levando uma bomba para uma reunião com o Führer. O atentado falha e os cinco envolvidos são enforcados.

1945 Em 13 de fevereiro ocorre um pesado bombardeio dos aliados sobre Dresden, com mais de 50 mil vítimas. A *Judenhaus* vem abaixo, matando todos os que estavam nela. Por acaso, Klemperer e a esposa estavam na rua. No meio do caos, Victor falsifica seus documentos e se desfaz da estrela amarela, passando a esconder a ascendência judaica. O casal começa

uma fuga a pé para Falkenstein e depois para Unterbernbach. Acossado pela chegada do Exército Vermelho a Berlim, Hitler se suicida em 29 de abril, designando Goebbels como seu sucessor. Este se suicida no dia seguinte, junto com a maior parte dos principais assessores. A Alemanha se rende em 8 de maio. Os Klemperer recuperam a casa em 10 de junho. Victor torna-se novamente professor na Escola Técnica Superior de Dresden. Filia-se ao Partido Comunista Alemão (KPD). Recupera os manuscritos dos *Diários* e inicia a redação de *Lingua Tertii Imperii: anotações de um filólogo*.

1947 Publica o livro *LTI* pela editora Aufbauverlag, de Berlim. Seguem-se muitas edições, totalizando 318 mil exemplares vendidos na Alemanha nesse período.

1948 Torna-se professor na Universidade Greifswald. Nova edição de *LTI* em Berlim pela Aufbauverlag.

1949 A República Federal Alemã (Alemanha Ocidental) e a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) são proclamadas oficialmente.

1948-1960 Klemperer torna-se professor na Universidade Halle.

1950 É eleito representante na Câmara Popular da República Democrática Alemã.

1951 Recebe o título de doutor em pedagogia na Escola Técnica Superior de Dresden. Eva Klemperer morre em 8 de julho.

1951-1954 É professor na Universidade Berlim.

1952 Casa-se com Hadwig Kirchner. Recebe o Prêmio Nacional da RDA para Arte e Literatura.

1953 É eleito para a Academia de Ciências da Alemanha.

1954 Publica o primeiro volume de *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Voltaire*.

1956 Publica o livro de artigos *Antes de 33 – após 45*. É agraciado na RDA com a Ordem de Prata de Reconhecimento da Pátria.

1960 Morre em 11 de fevereiro. É enterrado em Dölzsch en e recebe postumamente o prêmio F. C. Weiskopf da Academia de Artes de Berlim.

1966 É publicado o segundo volume de *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Rousseau*. Sai uma edição alemã de LTI com outro nome: *Die unbewältigte Sprache: Aus dem Notizbuch eines Philologen* [A linguagem não resolvida: do caderno de anotações de um filólogo], Darmstadt, Melsen. O livro também é reeditado pela Reclamverlag, de Leipzig.

1969 Outras edições de LTI em Munique pela Deutscher Taschenbuch Verlag.

1975 Outras edições de LTI em Frankfurt am Main pela Röderberg Verlag.

1983 Primeira edição polonesa de LTI: Cracóvia, Wydawnictwo Literackie.

1984 Edição húngara: Budapeste, Tömegkommunikációs Kutatóközpont.

1987 Nova edição em alemão: Colônia, Röderberg.

1989 Cai o Muro de Berlim. É publicado *Curriculum Vitae. Recordações de um filólogo: 1881 a 1918* (escrito durante o período nazista, em que não podia frequentar bibliotecas públicas).

1990 A Alemanha é reunificada em 3 de outubro.

1992 Nova edição polonesa de LTI: Toronto, Polski Fundusz Wydawniczy w Kanadzie.

1995 É publicado *Quero prestar testemunho até o fim*, nome dado aos diários do período 1933-1945. Klemperer recebe o

prêmio póstumo Geschwister Scholl em Munique. A Enciclopédia Brockhaus insere um verbete sobre a importância de *LTI*.

1996 Saem *Und so ist alles schwankend*, os diários de junho a dezembro de 1945, e *Leben sammeln, nicht fragen wozu und warum*, os diários de 1918 e 1932. Edição francesa de *LTI*, pela Albin Michel.

1997 Edição em inglês de *LTI*: Lewiston, Nova York, Edwin Mellen Press.

1998 Edição italiana: Firenze, Giuntina. Edição russa: Moscou, Progress-Tradicija.

1999 Edição brasileira dos *Diários* do período 1933-1945. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Irene Aron.

2000 Edição holandesa de *LTI*: Amsterdam, Antuérpia, Uitg. Outra edição em inglês: Londres, Nova York, The Athlone Press.

2001 Edição espanhola: Barcelona, Editorial Minúscula.

2003 Edição tcheca: Jinoany, H & H. Nova edição francesa: Paris, Pocket.

2004 Edição em letão: Riga, AGB.

2005 Vigésima primeira edição alemã pela Reclamverlag de Leipzig. Outra edição espanhola: Barcelona, Círculo de Lectores.

2006 Edição em sueco: Gotemburgo, Glänta. Edição em sérvio: Belgrado, Tanjug. Nova edição em inglês: Londres e Nova York, Continuum.

2007 Nova edição alemã pela Ditzingen Reclam.